
Desigualdades de gênero no esporte: Narrativas Sobre o Lugar da Mulher no Surfe

*Léo Barbosa Nepomuceno,
Nathália da Silva Monteiro*

Resumo

Gênero é uma categoria importante para o estudo sociocultural do esporte, favorecendo a discussão sobre a construção social de ideais de feminilidade e masculinidade. A presente pesquisa analisa algumas desigualdades de gênero no esporte, tomando como cenário de estudo o surfe feminino em Fortaleza (CE), Brasil. O trabalho tem, como objetivo, analisar percepções sobre o lugar da mulher no surfe, a partir de narrativas de atletas e/ou praticantes da modalidade. Trata-se de estudo de abordagem qualitativa, baseado em entrevistas narrativas junto a 14 mulheres surfistas. A análise dos dados baseou-se na análise de conteúdo do material transcrito das entrevistas, utilizando a análise temática como técnica. As narrativas permitem a identificação de várias desigualdades de gênero que subsidiam interpretações sobre o lugar social da mulher no surfe como subalterno e desprestigiado. Ademais das desigualdades que ainda se reproduzem, a participação da mulher no esporte é percebida como resistência podendo ter como consequência mudanças nas disparidades e hierarquias de gênero.

Palavras-chave: Surfe, esporte, gênero, psicologia do esporte, educação física.

Gender inequalities in sport: narratives on the condition of women in surfing

Léo Barbosa Nepomuceno, Nathália da Silva Monteiro

Abstract

Gender is an important category for the sociocultural study of sport, favoring the discussion about the social construction of ideals of femininity and masculinity. The present research analyzes some gender inequalities in sport, having as a study scenario female surfing in Fortaleza (CE), Brazil. The objective of this study is to analyze perceptions about the place of women in surfing, based on narratives of athletes and / or practitioners of the sport. This is a qualitative study, based on narrative interviews with 14 female surfers. The analysis of the data was based on the content analysis of the transcribed material of the interviews, using the thematic analysis as technique. The narratives allow the identification of various gender inequalities that subsidize interpretations of the social place of the woman in the surf as subaltern and discredited. In addition to the inequalities that still reproduce, the participation of women in sports is perceived as resistance and may result in changes in gender disparities and hierarchies.

Key-words: Surfing, sport, gender, sports psychology, physical education.

Desigualdades de gênero en el deporte: narrativas sobre la condición de las mujeres en el surf

Léo Barbosa Nepomuceno, Nathália da Silva Monteiro

Resumen

El género es una categoría importante para el estudio sociocultural del deporte, favoreciendo la discusión sobre la construcción social de ideales de feminidad y masculinidad. La presente investigación analiza algunas desigualdades de género en el deporte, tomando como escenario de estudio el surf femenino en Fortaleza (CE), Brasil. El trabajo tiene, como objetivo, analizar percepciones sobre el lugar de la mujer en el surf, a partir de narrativas de atletas y / o practicantes de la modalidad. Se trata de un estudio de enfoque cualitativo, basado en entrevistas narrativas junto a 14 mujeres surfistas. El análisis de los datos se basó en el análisis de contenido del material transcrito de las entrevistas, utilizando el análisis temático como técnica. Las narrativas permiten la identificación de varias desigualdades de género que subsidian interpretaciones sobre el lugar social de la mujer en el surf como subalterno y desprestigiado. Además de las desigualdades que aún se reproducen, la participación de la mujer en el deporte es percibida como resistencia pudiendo tener como consecuencia cambios en las disparidades y jerarquías de género.

Palabras-clave: Surfe, deporte, género, psicología del deporte, educación física.

Introdução

Corpo e gênero são temas relevantes para as ciências do esporte, permitindo estudos sobre dimensões socioculturais e psicológicas presentes nas práticas corporais e esportivas. A reflexão sobre estes se constitui como desafio ético-político para agentes e instituições envolvidas com as diferentes modalidades de prática corporal. Debates sobre gênero e esportes, comumente, levam a colocar sob suspeita concepções naturalizantes sobre o corpo e sobre a sexualidade. Como destaca Guacira Louro (2007) algumas concepções devem dar sustentação à reflexão sobre as questões de gênero e sexualidade, formando as bases para práticas voltadas para uma visão ampliada sobre os corpos.

O conceito de gênero, nesse contexto, é um instrumento teórico e político para o estranhamento das desigualdades sociais, bem como um recurso para a desnaturalização das verdades sobre o feminino, o masculino e suas relações. Nessa perspectiva, gênero é ferramenta para a desnaturalização, apontando para a polissemia de masculinidades e feminilidades que se articulam a muitas 'marcas' sociais como classe, etnia, entre outras. Os estudos do gênero, assim possibilitam a análise de contextos de desigualdade social onde as divisões de poder são atravessadas pelas noções de masculinidade e de feminilidade (Goellner, 2010).

O presente estudo discute questões de gênero no campo esportivo, tendo como objeto de pesquisa o surfe feminino. O trabalho tem como objetivo analisar percepções sobre o lugar da mulher no surfe, a partir das narrativas de atletas e/ou praticantes da modalidade. A discussão sobre tais temas tem a intenção de contribuir para a análise crítica sobre os contextos psicossociais em que estão inseridas as mulheres surfistas, favorecendo a identificação de desafios a serem superados por agentes e instituições envolvidos.

Surfe, gênero e desigualdades sociais

O esporte, como produto da cultura corporal de uma sociedade, é permeado por normas culturais historicamente construídas, que acabam por moldar gestos e impor certa padronização nos modos de vivenciar e usar o corpo. Desse modo, as práticas de lazer e de esporte, bem como todas atividades tipicamente humanas, se realizam em espaços sociais marcados pela produção e reprodução de representações de feminilidade e masculinidade (Goellner; Votze; Mourão & Figueira, 2010). Em torno de tais representações se travam lutas por reconhecimento e visibilidade que expõem as divisões sociais e desigualdades entre os gêneros masculino e feminino (Bourdieu, 2002). No interior dos espaços sociais específicos das modalidades de práticas corporais e esportivas, estruturam-se relações de poder onde as diferenças biológicas são tomadas como parâmetros para explicar ou justificar desigualdades nas oportunidades, incentivos, premiações e patrocínios. Nesse contexto, os espaços onde se desenvolvem as práticas corporais e esportivas acabam por se constituir em ambientes que reproduzem certas distinções entre os sexos masculino e feminino, associando significados às práticas.

Para o sociólogo francês Pierre Bourdieu (2002), muitas sociedades se alicerçam em uma visão androcêntrica, onde os homens ocupam, no plano cultural, os centros de poder da sociedade, ocupando posições privilegiadas nos espaços sociais. Essa hegemonia masculina se expressaria

de diversos modos configurando a reprodução social de um cenário de dominação masculina, que traz consequências importantes para a formação cognitiva dos indivíduos o que acaba por reproduzir modos de pensar e agir construindo e naturalizando normas. Estabelecem-se, assim, esquemas de hierarquização social amparados pela distinção de gênero e de suas atribuições na sociedade. As divisões sociais hierarquizadas, nos diferentes âmbitos da sociedade, se fazem de maneira que os indivíduos acabam apenas por reproduzi-las ao invés de discuti-las para recriá-las. No que tange às questões de gênero no esporte, comportamentos sociais refletem-se negativamente no esporte feminino. Opera-se assim, uma divisão entre os sexos, como afirma Bourdieu (2002, p. 8):

Está presente ao mesmo tempo, em estado objetivado nas coisas (na casa, por exemplo, cujas partes são todas "sexuadas"), em todo o mundo social e, em estado incorporado, nos corpos e nos *habitus* dos agentes, funcionando como sistemas de esquemas de percepção, de pensamento e de ação.

A discussão sobre gênero e esporte, seguindo a perspectiva da análise sociocultural, nos convida a refletir sobre o modo como o corpo humano é carregado por inscrições e simbologias, que norteiam certos padrões de reprodução social de comportamentos e de padrões de estética. Desse modo, é comum encontrarmos contextos em que a imagem da mulher no meio esportivo não é bem aceita se associada a aquisição de características vistas como masculinizadas (Goellner, 2010).

No âmbito dos estudos socioculturais sobre o surfe, é notável a presença de investigações baseadas na categoria gênero, que analisam o comportamento de surfistas e a cultura que envolve a modalidade (Brasil, Ramos & Goda, 2013). O surfe, nesse contexto temático, é analisado como um espaço social de construção de masculinidades (Evers, 2006), como contexto cultural excludente e sexista (Evers, 2010; Booth, 2001; Comer, 2010). Dentre os estudos realizados, destacamos o trabalho de Comer (2010) que analisa o surfe feminino como um tipo de subcultura local e global. Interpretando como o surfe é influenciado pela participação das mulheres em diversos contextos, a autora desenvolve o conceito de "localismo de meninas" para descrever experiências de luta das mulheres por prioridade nas ondas e respeito no meio social que envolve a prática do surfe. Para Comer (2010), a subcultura do surfe, marcada por uma maior presença masculina, politizou as mulheres surfistas de diversos modos.

No surfe, como modalidade de esporte de aventura ou esporte com a natureza, destacam-se representações sobre surfistas como pessoas corajosas, fortes e ágeis. Como tais representações estão relacionadas frequentemente a corpos masculinos, as surfistas do sexo feminino, em suas buscas por aprimorar desempenhos, se deparam com a necessidade de incorporar qualidades e capacidades normalmente vinculadas como signos de virilidade masculina. Presas numa espécie de teia de significados historicamente construída, as mulheres surfistas são vistas mais como objeto de desejo e posse, do que como atletas ou praticantes da modalidade (Viera, 2007). No interessante estudo de Bandeira e Rubio (2011), com enfoque antropológico e uso de etnografia, a vivência do surfe pela mulher, embora seja permeada por condutas sensíveis frente a natureza e experiências

prazerosas, é entendida como exceção em meio a padrões de reprodução e de dominação masculina.

Como destacam Knijnik e Cruz (2010), o surfe historicamente foi dominado pelos homens e raros eram os momentos onde eles dividiam o mar com as mulheres. Estas iam à praia mais como namoradas ou acompanhantes de surfistas. Como destaca Vieira:

A prática desse esporte era considerada pelas famílias como inadequada para uma mulher, devido ao risco de vida a que são expostos e ao desenvolvimento acentuado da musculatura, resultante da intensa prática que esse esporte exige. Ou seja, ao corpo da mulher, suas formas, gestos, performance no mar, foram associados juízos de valor de uma sociedade que simbolicamente compreende o feminino como fragilidade, emotividade, passividade, sensibilidade, medo, covardia (Viera, 2007, p.3).

Assim, o surfe é mais um exemplo notável de modalidade de prática corporal e esportiva em que certos padrões de comportamentos e de costumes contribuem para consolidar contextos de desigualdade social, com recorte de gênero. Em contraponto a desvalorização da mulher, há a supervalorização do homem, o culto a suas características físicas expressas pela força e virilidade por exemplo, e atributos socialmente construídos como honras (Goellner, 2007; Bourdieu, 2002).

Métodos

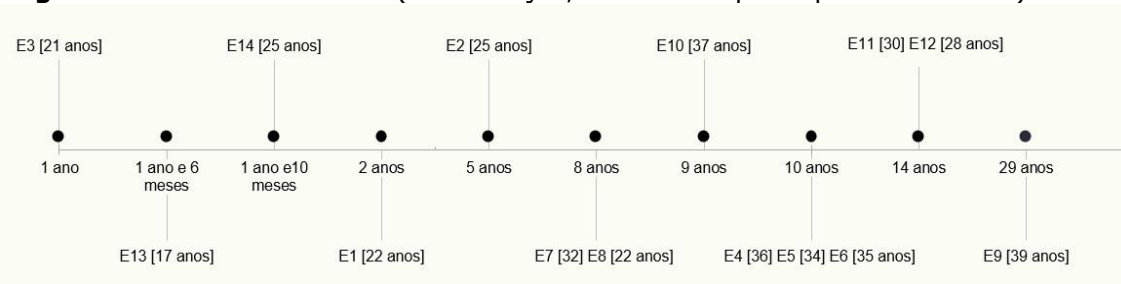
Tipo de estudo

O presente estudo adota a abordagem qualitativa de pesquisa, baseando-se na análise de entrevistas narrativas (Flick, 2004; Jovchelovich & Bauer, 2002) realizadas com mulheres praticantes regulares de surfe. A pesquisa com narrativas, em nosso caso, subsidia a sistematização de conhecimentos sobre aspectos sociais e psicológicos que configuram o mundo do surfe feminino vivido por mulheres surfistas e permite a análise de sentidos e significados relacionados às práticas corporais e esportivas.

Amostra

Para a composição da amostra, foram realizados diálogos com mulheres surfistas, com tempo de prática igual ou superior a um ano, competidoras ou não, que estivessem ativas e regulares na prática. Utilizamos a metodologia da amostragem por saturação (Fontanela, Ricas & Turato, 2008) para determinar o encerramento das entrevistas ao chegarmos no total de 14 entrevistadas. As participantes da pesquisa tinham faixa etária entre 18 e 40 anos e tempo de prática variando de 1 a 29 anos. As entrevistadas surfam prioritariamente nas praias do litoral de Fortaleza, Caucaia e Paracuru (CE). Abaixo, temos o esboço da amostra do estudo, com idade e tempo de prática de surfe – as informações situadas na linha referem-se ao tempo de prática de surfe:

Figura 1. Amostra do Estudo (identificação, idade e tempo de prática do surfe)



Instrumentos

Um tópico guia foi criado para orientar os diálogos seguindo o modelo das entrevistas semiestruturadas. As questões que guiaram as entrevistas foram: 1- Gostaria que você relatasse como foi seu início no surf; 2 - Em sua experiência no surfe o que facilitou ou estimulou sua inserção, enquanto mulher nessa modalidade? 3 - E o que dificultou ou foi um obstáculo para sua inserção no esporte pelo fato de ser mulher? 4 - Na sua opinião, existe desigualdade entre homens e mulheres no surf? Em que aspecto? Pode relatar uma situação onde isso ocorre? 5 - Isso aconteceu na sua trajetória? Se não, tem algum caso onde tenha vivido alguma experiência difícil no meio do surfe por ser mulher? 6 - Como você vê o lugar da mulher no surfe? 7 - Como você enxerga a sua trajetória no surfe?

Procedimentos éticos

A presente pesquisa teve a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Ceará (CEP/UFC/PROPESQ).

Procedimentos para a coleta de dados

A fase de campo se realizou pelo contato com duas escolinhas de surfe, localizadas na Praia do Futuro, em Fortaleza (CE), Brasil. Escolhemos por conveniência as duas primeiras entrevistadas, uma em cada escolinha visitada, e cada entrevistada indicou outra participante.

A transcrição das entrevistas foi feita respeitando integralmente o conteúdo das narrativas.

Para preservar o sigilo das entrevistadas, foram utilizados letras e números para identificação das entrevistadas.

Análise de Dados

As transcrições das entrevistas narrativas foram submetidas a análise de conteúdos (Bardin, 2010) e, após análise temática realizada foram destacados os seguintes temas que relacionam-se ao objetivo do estudo: 1) Motivações e iniciação da mulher no surfe; 2) Obstáculos a superar dentro e fora d'água; e 3) Lugar da mulher no surfe: subalternidade e resistência.

Resultados e Discussão

A apresentação e discussão dos resultados nos permite explicitar várias desigualdades sociais de gênero identificadas na experiência vivida das mulheres entrevistadas. Os tópicos que seguem organizam os resultados encontrados e a categorização realizada.

Motivações e iniciação da mulher no surfe

A análise dos dados permite a compreensão de uma diversidade de motivações para que as mulheres venham a iniciar-se nas práticas de surfe e permaneçam na prática regular. Destacam-se alguns fatores que influenciaram as experiências das surfistas entrevistadas. Dentre os fatores identificados, por exemplo, as escolinhas de surfe foram percebidas como grandes impulsionadoras da aprendizagem de algumas das entrevistadas, oferecendo um contexto estimulador para a inserção das mulheres no esporte, ao criarem ambientes que favorecem a superação de desafios relacionados à inserção da mulher na cultura esportiva do surfe.

Em comum a todas as entrevistadas, a prática do surfe está relacionada a experiências prazerosas. As trajetórias narradas foram todas percebidas como relacionadas a um certo grau de realização pessoal, onde o surfe assume um papel de destacável importância, especialmente no que tange à superação de limites e desafios, bem por possibilitar um conjunto de práticas corporais e contato com a natureza, pela experiência da aventura e por proporcionar um forte contato com o próprio corpo.

O surfe está relacionado com a experiência estética, onde a beleza é evocada como caracterizadora da modalidade e é tomada como aspecto atraente: “[...]eu acho o surfe muito bonito, ele me remete um pouco à dança, que é algo que eu fiz quando era criança, por muito tempo [...] Algo que atrai pelo esforço de equilíbrio, pela conexão consigo e com o todo”. (E4, surfa a 10 anos). A conexão com a natureza e o esforço de buscar equilíbrio físico e psicológico é algo notável na motivação de diversos praticantes de surfe, o que caracteriza a modalidade como esporte de aventura ou esporte com a natureza trazendo a possibilidade de aprendizagens e conhecimentos derivados do apuro da sensibilidade relacionada com o contato com o mar e as ondas (Bandeira & Rubio, 2011), o que implica na produção de sentidos sobre os espaços materiais e resolução de problemas envolvidos com a experiência de surfar (Preston-Whyte, 2002).

O interesse pela modalidade, por parte das entrevistadas, é justificado pela afinidade com esportes aquáticos ou mesmo pelo convívio com a realidade praiana. A proximidade com o ambiente da praia, na companhia de amigos ou familiares, também contribuiu com as experiências de iniciação esportiva analisadas. Em sua maioria, as mulheres surfistas tiveram influências marcantes de figuras masculinas no incentivo e ou orientação na iniciação esportiva. Estes homens eram parentes, amigos, namorados ou professores de escolinha e proporcionaram um apoio importante para a iniciação das mulheres participantes do estudo. Apesar de todas manifestarem uma percepção de que há um ambiente machista no entorno social vivido, todas destacam a importância de alguma figura masculina que apoiaram e estimularam a iniciação esportiva no surfe. Ademais da ambivalência que pode ser atribuída à influência masculina nas trajetórias analisadas, entendemos que o número excessivamente superior

de homens que praticam surfe nas praias cearenses colabora para que a iniciação esportiva seja permeada pelo contato com os homens surfistas.

De modo particularmente relevante para o objetivo do estudo, em algumas das trajetórias analisadas destaca-se o papel da influência de outras mulheres impulsionando a iniciação esportiva e desenvolvimento de relações especificamente de mulheres no surfe. Em tais trajetórias é notável que a companhia de outras mulheres no mar, e mesmo a mera presença de outras mulheres no mundo do surfe, produziu maior entusiasmo pela prática, gerando identificações e motivação: “[...] minhas amigas surfavam muito e diziam pra mim ‘vamos começar a surfar, você vai gostar. Você gosta de esporte, você sabe nadar, tem casa na praia, vamos surfar!’ ” (E12, surfa a 14 anos). Nas histórias analisadas destaca-se a importância de relações de colaboração, apoio mútuo e amizades entre as mulheres: “O meu início no surf foi até meio cômico, porque a gente não tinha prancha. Então uma amiga da gente conseguiu uma prancha, que acabou se tornando a prancha para três mulheres surfarem. ” (E11, surfa a 14 anos). Tema identificado em todas as narrativas analisadas, a presença de outras mulheres surfistas dentro do mar resultava em maior estímulo capaz de aumentar o interesse pela prática do surfe. A percepção da presença próxima de outras surfistas, compartilhando do mesmo espaço de prática, está associada a um aumento da motivação, sobretudo pelos processos de identificação de gênero.

O surfe é um esporte muito presente aqui, mas não há mulheres. E agora eu estou percebendo que está crescendo bastante a entrada da mulher no surfe. Eu acho bem legal porque você ver mais pessoas como você no esporte, acaba lhe incentivando. É diferente de você ver homens surfando [...] quando tem mulher, a gente sempre se apoia. Eu sempre fico prestando atenção. Eu gosto de olhar mulher surfando. Eu vejo como é que ela está. E, às vezes, eu já vi aqui umas meninas que surfam bastante, que surfam bem. Eu fico super feliz e mais motivada ainda. (E3, surfa a 1 ano).

Vários foram os discursos destacando a importância social da presença de outras mulheres influenciando na motivação para a prática e criando uma espécie de rede informal de colaboração entre as mulheres: “[...] de uma forma geral, as mulheres acabam sendo mais solidárias umas com as outras. É como se a gente até se fortalecesse mais, por entender que a gente é minoria e por curtir: ‘opa! tem outra mulher aqui dentro!’. A gente se identifica e se encontra nessa identificação” (E4, surfa a 10 anos). Esse processo de identificação de gênero, permite que as surfistas possam criar redes de amizade que, muitas vezes, podem reverberar na organização política e na ampliação de uma espécie de consciência de classe. Fenômenos semelhantes foram identificados em outros estudos, como os de Comer (2010), Waitt (2008) e Bandeira e Rubio (2011), os quais contribuem para a análise dos modos como a prática do surfe pode estar relacionada a processos de conscientização e a experiências de enfrentamento de desigualdades de gênero.

A aprendizagem do surfe é marcada pelo desenvolvimento de algumas habilidades psicológicas, como relatado por várias entrevistadas, especialmente o controle das emoções de medo e de ansiedade. A capacidade de enfrentamento do medo é correlata à aprendizagem

relacionada ao surfe independente de gênero, como é comum nas modalidades de prática corporal/esportiva e de lazer em que o risco percebido é uma variável de destaque (Le Breton, 2009). No surfe, como destacam Bandeira e Rubio (2011, p.101): “quando se é capaz de minimizar o medo e o receio de sentir a rebentação [das ondas] e controlar as ações que devem se seguir às ameaças percebidas é que se sente o quão fluida pode ser a entrada do surfista no oceano”. Em nosso estudo, um tema que esteve presente, na maioria nas narrativas analisadas, foi a percepção de que o medo incide de modo mais intenso sobre as mulheres, o que nos faz pensar numa condição de maior despreparo ou vulnerabilidade da mulher frente aos desafios do surfe. Nesse contexto temático, nossa análise sugere que pode haver uma relação entre esse medo distinto, percebido por algumas das surfistas entrevistadas, com a construção de uma cultura da timidez dos corpos femininos, como propõe Louro (2007). Segundo a autora, “tradicionalmente as meninas aprendem não apenas a proteger seus corpos como a ocupar um ‘espaço corporal pessoal muito limitado’, desenvolvendo, assim, ao longo da vida uma espécie de ‘timidez corporal’” (Louro, 2007, p. 76). Dentro de uma linha de análise semelhante, outros estudos corroboram com a ideia de que a educação corporal é distinta e incide na criação de barreiras que as mulheres têm que superar quando se inserem em muitos dos espaços socioculturais onde se desenvolvem as práticas corporais e esportivas (Cruz & Palmeira, 2009; Bourdieu, 2002; Marcello, 2009; Goellner, 2007).

Surfar estimula o desenvolvimento de valências físicas como resistência, força, flexibilidade, agilidade e equilíbrio que são pré-requisitos para o aprimoramento da performance. Encontramos no surfe a exigência de habilidades ou capacidades que socialmente se atribuem como características masculinas ligadas à bravura e a coragem. Nesse contexto, o desenvolvimento progressivo do surfe feminino tem grande potencial de crítica e transformação da cultura que envolve a modalidade, a partir de uma espécie de tensionamento criativo para a construção de novas representações sobre a mulher, novos hábitos e costumes, novas liberdades. Como destaca uma das mais experientes surfistas entrevistadas:

Eu não tive facilidade, porque era um esporte marginalizado. As pessoas diziam que quem surfava (e a minha família também dizia isso) era vagabundo, era maconheiro. E era esporte de homem. Era complicado porque, além da sociedade que tinha uma visão machista do esporte, os meus próprios amigos do surfe me enxotavam, porque era esporte só de homem: “Sai daqui!”, “o que é que tu tá fazendo aqui?”, “Aqui só tem homem”, “vai brincar de boneca em casa”. (E9, surfa a 29 anos).

No estudo de Bandeira e Rubio (2011), realizado no litoral de São Paulo, encontramos uma realidade diversa, porém semelhante, no que tange a hegemonia masculina no contexto do surfe. Como destacam as autoras, a dominação e o preconceito aparecem no surfe não necessariamente entre homem e mulher. No entanto, o padrão de excelência é sempre o surfe masculino, o que consolida a ideia de uma condição de exceção ou contraposição da mulher (Barreira & Rubio, 2011, p.106). Outros estudos, realizados em países como Austrália e EUA corroboram com esse contexto de

dominação masculina (Comer, 2010; Waitt, 2008; Booth, 2001; Evers, 2010).

Obstáculos a superar dentro e fora d'água

Alguns obstáculos e desafios de gênero puderam ser identificados e relacionados à inserção das mulheres na modalidade surfe. Nesse contexto, analisamos a percepção das mulheres surfistas sobre aspectos socioculturais dos ambientes onde se pratica o surfe. Dentre os aspectos identificados, alguns desafios para a inserção e desenvolvimento de mulheres no surfe foram destacados. Em meio a um ambiente praiano de exposição dos corpos, uso de biquínis e roupas curtas, exibicionismo e vergonha, destacamos dois obstáculos ou desafios para as mulheres: 1) a vergonha de expor o corpo em um mundo social cheio de homens; e 2) sentir-se intimidada por não ter ainda o domínio das habilidades/capacidades exigidas no esporte. Nesse contexto temático, nossa pesquisa se deparou com corpos femininos intimidados e envergonhados, corpos que se tornaram objeto da atenção de outros, sobretudo dos homens. Enfrentar essa timidez, intimidação e vergonha foi um dos desafios presente em muitas das narrativas analisadas. A fala abaixo ilustra essa intimidação causada, nesse exemplo, pela presença massiva de homens dentro do mar:

Assim, quando eu comecei a ganhar uma certa independência dentro do mar, percebi que o número de meninas nem se comparavam ao número de meninos. No começo eu ficava meio desconfortável por causa do meu corpo. Às vezes eu ficava meio assustada em estar sozinha com um monte de homem. Ainda fico, mas acabo que estou me acostumando. (E13, surfa a 1 ano e 6 meses).

Bourdieu (2002) contribui notavelmente para a reflexão sobre tais temáticas, dentro de sua discussão sobre a presença hegemônica da dominação masculina no plano da cultura. O autor destaca, a gênese de um *habitus feminino* correlato a um conjunto de condições sociais vigentes que corroboram para “fazer da experiência feminina do corpo o limite da experiência universal do corpo-para-o-outro, incessantemente exposto à objetivação operada pelo olhar e pelo discurso dos outros” (Bourdieu, 2002, p. 92). O autor destaca que a probabilidade de vivenciar o desagrado, o mal-estar, a timidez ou a vergonha é maior em espaços sociais que proporcionem uma exigência de certos padrões de corpo, sob a égide da vigilância dos olhares. Os espaços de prática do surfe, como analisado aqui, se apresentam com grande grau de constrangimento para muitas das mulheres surfistas.

Bourdieu nos auxilia na compreensão e análise das entrevistas realizadas, para delimitar os processos de dominação simbólica que permeiam as questões de gênero no surfe. O lugar de referência central do homem expressa seu papel de dominante, de hegemonia. “É característico dos dominantes estarem prontos a fazer reconhecer sua maneira de ser particular como universal. A definição de excelência está, em todos os aspectos, carregada de implicações masculinas, que tem a particularidade de não se mostrarem como tais” (Bourdieu, 2002, p. 91). Seguindo uma abordagem historicista semelhante, Souza (2003, p.122) destaca que “o desporto em geral foi por muito tempo considerado, na história ocidental, uma área reservada masculina”.

As estruturas de poder simbólico descritas por Bourdieu (2002), são abaladas quando as mulheres (enquanto classe dominada), na visão dos homens (classe dominante), “invadem” o espaço histórico de pertencimento masculino. As surfistas entrevistadas relatam histórias de subalternização e resistência frente aos homens dentro e fora dos mares. Um conjunto de representações expressa essa subalternização onde as manobras das mulheres são concebidas como mais “fracas”, “não sabem surfar”, “atrapalham” dentro do mar e “correm mais riscos que os homens”. Um conjunto de comportamentos não inclusivos por parte de alguns homens, acaba atingindo negativamente as praticantes de surfe, impondo-lhes desnecessariamente desafios para afirmar um lugar mais legitimado. As surfistas, então, precisam criar estratégias para transpor barreiras de gênero que são colocadas para que elas tenham o mesmo direito de apropriação do espaço da prática do surfe.

A gente se sente um pouco acuada dentro do mar. E se sente desvalorizada porque o público masculino, a grande maioria dos surfistas, acaba partindo do pressuposto de que você não vai conseguir. E que você não vai ter a remada necessária pra pegar a onda, que você não vai conseguir. E realmente a gente tem que ficar disputando, as vezes até no grito. (E7, surfa a 8 anos).

Adelmam (2003) afirma que as habilidades femininas desenvolvidas no esporte, não compatibilizando com os esquemas sociais de subordinação da mulher, auxiliam em minimizar as diferenças entre os sexos, constituindo uma ameaça ao mito da fragilidade feminina. Nas narrativas analisadas, as habilidades das mulheres são subjugadas e colocadas num patamar inferior em comparação com os homens. E nesse aspecto, podemos pensar que o surfe pode ser uma forma de empoderamento e resistência das mulheres, para a afirmação de um lugar mais valorizado e legitimado.

O lugar da mulher no surfe: subalternidade e resistência

Ademais da louvável iniciativa da World Surf League (WSL), publicada em setembro de 2018, em equiparar as premiações entre as categorias masculina e feminina em seus torneios (The Players Tribune, 2018), a condição das mulheres atletas ainda é subalterna dentro e fora da WSL. Na WSL, para fazer uma análise sucinta e objetiva, em cada etapa dos campeonatos da liga feminina participam 18 atletas, enquanto na liga masculina, o número dobra para 32 atletas em cada etapa. Fora e dentro da WSL, é possível analisar outros fatores que impõem às mulheres atletas uma condição de desigualdade.

Nossa pesquisa, destaca alguns aspectos do modo como as mulheres se percebem no âmbito da cultura do surfe amador e como percebem o lugar desprestigiado da mulher atleta no contexto social da modalidade. Podemos recorrer a alguns exemplos ilustrativos trazidos pelas surfistas entrevistadas: o apelo à sensualidade e a uma ideia restrita de feminilidade. Como apontado nas entrevistas, os programas televisivos de surfe feminino, em que a exposição do corpo da mulher é notável. Esse processo expressa não somente uma condição específica de realidade criada pela mídia, mas um dos signos marcantes dessa subcultura esportiva dominada pelos homens. A exposição do corpo da mulher é uma das marcas nas propagandas de marcas de moda surfwear feminina, que também se utilizam de tal recurso

para promover visões sobre o corpo feminino e sobre uma feminilidade exigida socialmente.

Corroborando com a análise da condição subalterna das mulheres atletas, podemos nos remeter à entrevista dada por Silvana Lima, atleta brasileira com grande história na WSL, à Revista Hardcore, de junho de 2015 em que lhe foi perguntado: "O fato de você não ser o estereótipo da loirinha surfista de propaganda de biquíni pesa na busca por um patrocínio nesse meio?". E sua resposta foi: "Muitos patrocinadores não querem apenas uma boa atleta, e sim uma menina que faça dois trabalhos: o de modelo e o de surfista" (Lessa, 2015). A indignação com essa condição da participação feminina no surfe profissional se revelou em muitas das narrativas construídas nas entrevistas, consolidando uma interpretação de que as mulheres se sentem oprimidas por essa objetivação do corpo feminino. Às mulheres impõe-se um imperativo de culto ao corpo condizente com padrões estéticos ligados a concepções de feminilidade restritas. Adelman (2003, p.451) destaca, nesse sentido, que a valorização da aparência física da surfista ocorre, muitas vezes, em detrimento da sua performance no esporte. "Existe, por outro lado, a possibilidade de a atividade esportiva feminina se adaptar à feminilidade normativa e à atual cultura do corpo, que subordina a capacidade à aparência e a autodeterminação à reprodução de padrões socialmente prezados". Como destaca uma das entrevistadas:

A gente vive numa sociedade onde o corpo é o objeto: você vai ver que na propaganda sempre tem uma menina de biquíni. Você vê que em um programa de calouros, sempre tem bailarinas seminuas atrás do apresentador. E, assim, no mundo do surfe se vende uma imagem. E sempre tem menina de biquíni, coisa diferente dos homens que estão sempre vestidos de short, não tem ninguém de sunga (E9, surfa a 29 anos).

Sousa e Altmann (1999. p. 58) analisam as questões de gênero em diferentes modalidades esportivas. Segundo elas, "não se pode considerar que, pelo fato de homens e mulheres praticarem os mesmos esportes, estes tenham deixado de ser genereficados". As autoras destacam que a mídia participa ativamente desse processo e comumente analisam trajetórias de mulheres atletas relacionando os cuidados com a beleza como uma forma de garantir a condição feminina. É comum o enfoque de noticiário em que "mesmo sendo atletas", elas continuam sendo mulheres (Sousa & Altmann, 1999).

A ideia de superioridade física do homem é usada, muitas vezes, para justificar uma natural condição inferior do corpo feminino, numa nebulosa arena de comparações entre os sexos. A exigência de força e preparo físico presente na modalidade surfe, entra na produção de algumas das narrativas analisadas: "É porque fisicamente nós somos mais fracas e menos resistentes menos musculosas, menos fortes. Mas por conta disso nós não devemos ser desrespeitadas, o respeito deve ter" (E5, surfa a 10 anos). No entanto, o que temos nesse contexto é mais um exemplo de construção social de diferenciações entre os gêneros. O discurso sobre a dimensão biológica vem naturalizar aquilo que é fruto de uma construção histórica e legítima a diferenciação e a desigualdade entre homens e mulheres no esporte (Goellner, 2007, p. 188). Encontramos nessa temática, assim, mais um exemplo de incorporação de uma visão limitada sobre o corpo feminino e

que acaba por tornar universal e absoluta uma suposta superioridade masculina, que deve ser relativizada e contextualizada. Como percebemos, em nosso estudo, o contexto social de inserção das mulheres no surfe é permeado por obstáculos que dificultam desnecessariamente o desenvolvimento das praticantes.

As entrevistas analisadas possibilitaram a análise de percepções sobre o papel ocupado pela mulher nos espaços sociais do surfe. Uma das percepções notáveis é que esse espaço vem mudando e que a presença da mulher é cada vez mais expressiva. Assim, como destacam Dias (2010) e Waitt (2008), a prática do surfe entre as mulheres vem crescendo após um período de grande declínio decorrente, sobretudo, da associação do surfe com a competição, força e agressividade. É algo marcante que as mulheres vêm se apropriando dessa modalidade e vem transformando, como em outros campos sociais esportivos, a cultura marcadamente machista.

Eu acho que a gente está desconstruindo muita coisa. Assim, de entender que o esporte pode ser feito por qualquer pessoa, homem, mulher. Assim como a dança pode ser uma prática de qualquer pessoa, não tem isso do carimbo do papel social. Homem ou mulher não faz isso, não faz aquilo... Eu acho que a gente está desconstruindo. E que o espaço é nosso mesmo, é de todo mundo. E que eu acho que quando a gente pensa assim, o espaço da mulher no surfe diz também sobre o espaço da mulher na sociedade de uma forma mais ampla. (E4, surfa a 10 anos).

As narrativas produzidas nas entrevistas são cercadas de satisfação pessoal e uma valorização de si mesmas, no plano individual e também no plano da identidade de gênero. As experiências proporcionadas pela prática da modalidade revelam a resistência e a luta simbólica para afirmar novos pontos de vista sobre o surfe, novas representações sobre a mulher no esporte e na sociedade. Como destaca Bourdieu (2002, p.97), "a prática intensiva de um determinado esporte determina nas mulheres uma profunda transformação da experiência subjetiva e objetiva do corpo: deixando de existir apenas para o outro. [...] Ela se converte de corpo-para-o-outro em corpo-para-si-mesma". Nosso estudo sugere que esse movimento de resistência é uma possibilidade presente na experiência das mulheres. Assim como no estudo de Waitt (2008), onde a fluidez das identidades das mulheres surfistas passam a desafiar o machismo que regula o espaço do surfe, nossa percepção é que o surfe feminino tem proporcionado importantes experiências de empoderamento e de crítica à cultura machista que ainda é hegemônica no surfe. Ao pensar o lugar da mulher no surfe, as entrevistadas têm em comum a ideia de que ainda há muito espaço a ser conquistado. Porém, os discursos convergem no sentido de destacar a percepção de que a participação da mulher vem resultando em maior reconhecimento e valorização dentro do meio sociocultural do surfe.

Considerações finais

A presente pesquisa dá subsídios para a reflexão sobre condições de desigualdade social de gênero dentro do esporte, tomando o surfe feminino como objeto de atenção e análise. Foi possível, em coerência com o objetivo proposto, a construção de informações pertinentes sobre a realidade social e

subjetiva vivida por mulheres surfistas dentro e fora do mar, dando subsídios para a compreensão de desafios especificamente de gênero que podem representar obstáculos para a iniciação esportiva e o desenvolvimento da inserção de mulheres na modalidade.

A identificação e análise das desigualdades sociais de gênero deve auxiliar os diversos agentes e instituições envolvidos com o surfe, a contribuir para minimizar os efeitos negativos de uma ainda hegemônica cultura machista vigente na modalidade. Urge, no contexto do surfe feminino, estimular a construção social de uma cultura corporal e esportiva mais inclusiva e pautada em visões mais ampliadas sobre os corpos humanos e as questões de gênero, numa perspectiva polissêmica no que tange às noções de masculinidade e feminilidade. É preciso pensar a recriação de novos espaços, projetos sociais e práticas que fomentem a participação das mulheres dentro e fora do mar.

No presente estudo buscamos destacar a dimensão política das práticas corporais e esportivas, permeadas por lutas simbólicas que legitimam a presença dos diferentes agentes e classes. Nesse sentido, concordamos com Silvana Goellner (2007, p. 191) que “reclamar às mulheres o direito de reivindicar o esporte como um espaço de exercício de liberdades que também é seu, mais do que um desafio acadêmico é, sim, uma necessidade política”. Por fim, recomendamos que outras pesquisas possam prosseguir na análise de questões de gênero relacionadas ao surfe, visando dar subsídios para a análise da construção de práticas mais favoráveis ao desenvolvimento das mulheres na modalidade.

Referências

- Adelman, M. (2003). Mulheres atletas: re-significações da corporalidade feminina. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 11(2): 445-465, julho-dezembro.
- Bandeira, M.M. & Rubio, K. (2010). “Do outside”: corpo e natureza, medo e gênero no surfe universitário paulistano. *Rev.Bras.Educ.Fís.Esporte*, São Paulo, v.25, n.1,p.97-110, jan/mai.
- Bardin, L. (2010). *Análise de conteúdo*. (4ª. ed.). Lisboa: Edições70, 2010.
- Booth, D. (2001). From Bikinis to Boardshorts: Wahinesand the Paradoxes of Surfing Culture. *Journal of Sporting History*, 28(1), 3-22.
- Bourdieu, P. (2002). *Dominação masculina* (Traduzido por M. H. Kühner). (2ª Edição). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- Brasil, V.Z.; Ramos, V. & Goda, C. (2013). A produção científica sobre surf: uma análise a partir das publicações entre 2000-2011. *Pensar a Prática*, Goiânia, v. 16, n. 3, p. 619-655, jul./set.
- Comer, K. (2010). *Surfer Girls in the New World Order*. Durham: Duke UniPress.
- Cruz; M. M. S. & Palmeira, F.C.C. (2009). Construção de identidade de gênero na Educação Física Escolar. *Motriz*, Rio Claro, v. 15, n. 1, p. 116-131, jan./mar. 2009.

- Dias, C. (2010). Novos sonhos de verão sem fim: surfe, mulheres e outros modos de representação. *Rev. Bras. Ciênc. Esporte*, Florianópolis, v. 32, n. 2-4, p. 75-88, dez.
- Evers, C. (2010). *Notes for a young surfer*. Carlton, Vic: Melbourne University Press.
- Evers, C (2006). How to surf. *Journal of Sport & Social Issues*. Vol. 30, N.3, p.229-243.
- Flick, U. (2004). *Introdução à pesquisa qualitativa*. (2ª. Ed.) Porto Alegre: Bookman.
- Fontanella, B.J.B.; Ricas, J. & Turato, E. R. (2008). Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 24(1):17-27, jan.
- Goellner, S.V. (2010). A educação dos corpos dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade. *Cadernos de formação RBCE*, p. 71-83, março.
- Goellner, S.V. (2007). Feminismos, mulheres e esportes: questões epistemológicas sobre o fazer historiográfico. *Movimento*. Porto Alegre, v.13, n. 02, p.171-196, maio/agosto de 2007.
- Goellner, S. V. ; Votre, S.; Mourão, L. & Figueira, M. L. M. (2010). Lazer e gênero nos programas de esporte e lazer das cidades. *Licere* (Centro de Estudos de Lazer e Recreação. Online), v. 13, p. 2-23.
- Jovchelovitch, S. & BAUER, M. W. (2002). Entrevista narrativa. In: Bauer, M.W. & Gaskell, G. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Knijnik, J. D. & Cruz, L. (2010). Amazonas dos sete mares: a imagem corporal de surfistas brasileiras. *Revista do Nufen*. Ano 02, v. 01, n.02, julho-dezembro.
- Le Breton, D. (2009). *Condutas de Risco: dos jogos de morte ao jogo de viver*. (Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira). Coleção Educação Física e Esportes. Campinas: Autores Associados.
- LESSA, K. Entrevista: Silvana Lima. *Revista Hardcore*. Junho de 2015. Edição 307. Disponível em: http://hardcore.uol.com.br/20299-entrevista_silvana_lima/ Acesso em 20 de novembro de 2016.
- Louro, G. L. (2007). *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós- estruturalista*. (9ª ed.). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Marcello, F.A. (2009). Sobre os modos de produzir sujeitos e práticas na cultura: o conceito de dispositivo em questão. *Currículo sem Fronteiras*, v.9, n.2, pp.226-241, Jul/Dez, 2009
- Preston-White, R. (2002). *Constructions of surfing space at Durban, South Africa*. *Tourism Geographies*, 4(3), p. 307–328, 2002.
- Sousa, E.S. & Altmann, H. (1999). Meninos e meninas: Expectativas corporais e implicações na educação física escolar. *Cadernos Cedes*. ano XIX, nº 48, Agosto/99.
- Souza, A. M. A. (2003). "Evoluindo": mulheres surfistas na praia mole e barra da lagoa. 2003. 164 f. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social.

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

The Players Tribune. (2018). Setting the Standard. Stephanie Gilmore & Kelly Slater. 05 de setembro. Disponível em: <https://www.theplayertribune.com/en-us/articles/stephanie-gilmore-kelly-slater-setting-the-standard>

Vieira, R.M.B. (2007). Cultura surf em Florianópolis: a voz das surfistas. In: Encontro Regional Sul de História Oral, 4. 2007. Caderno de Resumos. Florianópolis: UFSC.

Waitt, G. (2008). 'Killing waves': surfing, space and gender. Social & Cultural Geografy, v.9,n.1, february.

Sobre o autor

Léo Barbosa Nepomuceno

Instituto de Educação Física e Esportes (IEFES) da Universidade Federal do Ceará

Nathália da Silva Monteiro

Instituto de Educação Física e Esportes (IEFES) da Universidade Federal do Ceará

Contato

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA

Léo Barbosa Nepomuceno

Av. Mister Hull, s/n - Parque Esportivo - Bloco 320 - Campus do Pici - CEP 60455-760 - Fortaleza - CE

E-MAIL

leobnepomuceno@hotmail.com

TELEFONE

(85) 3366 9533/(85) 992387728